



GRUPO DE
TRABALHO DE
EDUCAÇÃO
MÉDICA

vp.em@anem.pt

www.anem.pt

Acredita que a capacidade das instalações e recursos humanos para aprendizagem em meio clínico são suficientes para o actual nº de estudantes? Porquê?

Prof. Doutor Nuno Sousa – Escola de Ciências da Saúde – Universidade do Minho (ECS-UM):

No caso da Escola de Ciências da Saúde da Universidade do Minho a resposta é afirmativa porque as condições logísticas e o número de docentes na Escola Médica e nos vários locais formativos em ambiente assistencial são adequadas ao número de alunos admitidos.

Prof. Doutor Agostinho Marques – Faculdade de Medicina da Universidade da Universidade do Porto (FMUP):

Como disse não são suficientes para a aprendizagem dos nossos estudantes mais os do ICBAS. Também importa sublinhar que não é possível aumentar esses recursos. A evolução do modelo assistencial, pelo contrário, tem limitado a disponibilidade dos serviços de saúde para atender estudantes, à medida que as exigências de gestão aumentam.

Prof. Doutor António Sousa Pereira – Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS):

Serão, se o Ministério da Saúde afiliar toda a sua rede ao ensino, o que não acontece actualmente.

Prof. Doutor Miguel Castelo-Branco – Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade da Beira Interior (FCS-UBI):

Tendo em conta aquela perspectiva de que já falamos, isto é, de aumentar o número de instituições de saúde associadas, pensamos que sim. Mas mantendo sempre a perspectiva de que é necessário aumentar o número de instituições associadas.

Prof. Doutor Manuel Santos Rosa – Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (FMUC):

Para além das limitações já referidas no ponto anterior, saliento a dificuldade de recursos humanos especializados para a aprendizagem em meio clínico. Mas também não se pode esquecer que para haver ensino clínico é necessário o acesso a doentes e que é fundamental compatibilizar este acesso às necessidades de uma relação aluno/doente excelente.

Prof. Doutor José Caldas de Almeida – Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa (FCMUNL):

A esse nível penso que a situação não se terá agravado porque à medida que fomos aumentando o número de alunos, também fomos adaptando a situação a nível dos docentes. Acredito que, com a implementação da Reforma Curricular iniciada este ano lectivo, e terminada a fase de transição que estamos a viver, será possível uma utilização mais racional dos recursos docentes de que dispomos e se poderá trabalhar com mais qualidade no ensino clínico.

No entanto, a nossa margem de manobra é estreita. Temos bons rácios docentes/alunos no contexto nacional, mas não tão bons como os encontrados em países com mais recursos e mais desenvolvidos. A Faculdade de Ciências Médicas poderia ter melhores condições de ensino na parte clínica e, se conseguimos dar a resposta atual, é porque também temos um número significativo de docentes voluntários, de docentes que colaboram a título gratuito ou quase gratuito, por gosto pelo ensino.

**Prof. Doutor José Manuel Fernandes e Fernandes
- Faculdade de Medicina da Universidade de
Lisboa (FMUL):**

Como disse anteriormente os recursos possíveis no nosso campus académico estão no limite da sua capacidade. Esperamos dinamizar uma boa colaboração com o novo hospital de Loures, e foi nesse sentido que assinámos um protocolo de cooperação, e confio que possamos manter as colaborações actuais que têm corrido bem, com satisfação dos alunos.

**Prof. Doutor José Ponte – Departamento de
Medicina da Universidade do Algarve (MIM/UAlg):**

Sim. Porque foi feito um plano e foram recrutados especialistas suficientes em MGF e em várias especialidades hospitalares para comportar com a tarefa.